



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**

LUZIANO SANTOS PAIZINHO

**A VOZ DOS VELHOS NOS “CONTOS DO NASCER DA
TERRA”, DE MIA COUTO**

Campina Grande
2016

LUZIANO SANTOS PAIZINHO

**A VOZ DOS VELHOS NOS “CONTOS DO NASCER DA
TERRA”, DE MIA COUTO**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientadora: Professora Dra. Maria Angélica de Oliveira

Campina Grande

2016

LUZIANO SANTOS PAIZINHO

**A VOZ DOS VELHOS NOS “CONTOS DO NASCER DA
TERRA”, DE MIA COUTO.**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

Banca Examinadora:

Professora Dra. Maria Angélica de Oliveira
Orientadora – UFCG

Professora Ms. Aluska Silva Carvalho
Examinadora - UFCG

Campina Grande - PB
2016

Dedico este trabalho ao meu velho, meu querido velho,
que mesmo na ausência se faz presente em meus
pensamentos e caminhos.

“Velhos são aqueles que não visitam as suas próprias e variadas idades”

Mia Couto, *Velho com Jardim nas*

Trazeiras do Tempo, p. 81

Agradecimentos

Agradeço ao Pai Celestial por cada dia a mais de vida e todas as oportunidades que me deu de estudar, crescer e progredir.

Agradeço aos meus pais, Dona Neves e Seu Luiz (*in memoriam*) por todo o esforço que fizeram ao longo da minha vida para que eu tivesse oportunidades que eles não tiveram. Agradeço por todos os conselhos que me deram, conselhos esses alicerçados na sabedoria adquirida ao longo de suas vidas.

Agradeço à minha esposa, Beri, por todo carinho, cuidado e compreensão, principalmente pelas vezes que acabou dormindo sem mim ao seu lado.

Não tenho palavras para expressar tamanha gratidão à Maria Angélica, minha orientadora, pois o seu cuidado, paciência e carinho só não foram maiores que o seu conhecimento nesse perigoso campo da Análise de Discurso. Obrigado por me conduzir até este ponto.

Agradeço à professora Aluska Silva, que aceitou participar da minha banca de defesa. Quando comecei conhecer a análise de discurso, a sua monografia foi o primeiro trabalho que li que usava um texto literário como *corpus* para a análise. Demorou um tempo para eu perceber que tinha me apaixonado por essa área e decidir fazer o mesmo na minha monografia. Por isso a sua presença na minha banca é tão especial.

Agradeço a Donalena Cemitéla, a Tiane Kumadzi e a Vlademiro, meus velhos, personagens fictícios da obra de Mia Couto que me emprestaram suas histórias e me possibilitam as análises desse trabalho.

Agradeço aos meus amigos que estiveram junto comigo nessa caminhada, Alessandra, Áurea, Ana Cristina, Ana Raissa, Carlos Mágno, Cecy, Cláudia, Elane, Fábria, Fabiana, Keyte, Leandro, Marcela, Morgana, Monaliza, Rafael, Suelen, Elisangela, Jéssica e Thais. Obrigado por tudo! Há um pouco de cada um de vocês em mim e na minha formação.

Agradeço a todos os professores do curso de Letras pela dedicação e paciência, agradeço a Marciano e a Waldemar, por sempre estarem na secretaria do curso dispostos a me ajudar no que precisasse.

RESUMO

Vemos o texto literário como um repositório da história de um povo, de sua memória. Nosso trabalho configura-se, pois, como uma proposta de leitura discursiva do texto literário, visto como materialidade linguístico-histórica. O objetivo geral de nossa proposta de leitura é analisar a constituição do sujeito velho em três contos do livro “Contos do Nascer da Terra” (1997), do autor moçambicano Mia Couto, a saber: “A viúva Nacional” e “Velho com Jardins nas Trazeiras do Tempo” e “A Casa Marina”. O nosso estudo fundamenta-se na teoria de interpretação a Análise de Discurso de linha francesa, especificamente a partir da discussão acerca dos mecanismos de controle dos discursos, proposta por Michel Foucault (2009, 2013) em “A ordem do discurso”. Outros conceitos serão discutidos para fundamentar o trabalho, tais como os conceitos de discurso e sujeito, (ORLANDI, 1999 e 2001), tradições e cultura (LARAIA, 2008), memória e sociedade (BOSI, 2012). Concluimos que, através do discurso ficcional (BACCEGA, 2013), o sujeito autor denuncia o lugar e o “deslugar” do sujeito velho na formação social moçambicana, evidenciando como a solidão é constituinte do idoso e como a sabedoria do velho deve ser respeitada e preservada. Apesar desse deslugar e da loucura a ele associada, vemos, a partir do discurso ficcional, que o sujeito velho tem muita coisa para passar para as futuras gerações e se faz necessário dar ao idoso o lugar de respeito e de guardião da tradição de um povo que lhe é merecido.

Palavras chave: Velhice; Mecanismos de controle dos discursos; Tradição, Loucura, e Morte.

Sumário

1- Introdução	2
2- Metodologia	5
3 – Fundamentação Teórica	7
3.1 – Discurso e Sujeito: Conceitos basilares	9
3.2 – Identidade, cultura e mecanismos de controle dos discursos: Um olha sobre a Velhice em Mia Couto.	13
4- Lugar de sabedoria e de morte: a velhice em <i>Contos do nascer da terra</i>	23
4.1 – O Velho sem lugar: Deslugar do velho.	25
4.2 – O velho e a loucura: solidão, esquecimento e morte	31
4.3 – O velho e a sabedoria: respeito, valor e vida	35
5 – Considerações Finais	39
6 - Referências	41

1- Introdução

A Análise de Discurso de linha francesa (doravante AD) é uma teoria de leitura que além do texto, busca investigar como o texto faz para dizer o que diz em sua filiação com a história, a memória e a cultura. Freda Indursky (2007) afirma que ao trabalhar com o texto, a AD não o examina em sua extensão, nem se limita à materialidade, mas filia-se ao contexto sócio-histórico-ideológico. Nesse sentido, o texto é uma unidade pragmática e a incompletude é uma de suas características mais importantes.

A partir de uma perspectiva discursiva de leitura, o texto não é considerado um objeto acabado, pronto, sobre o qual estão inscritas inúmeras possibilidades de leitura. O texto é, para o analista do discurso, materialidade linguístico-histórica, materialidade significante suporte de uma unidade teórica: o discurso, objeto central da AD. Como unidade fundamental do discurso, o texto está sempre em *déficit*, porque é impossível dizer tudo. Pêcheux (2009) afirma que há um impossível do dizer, pois o equívoco, essa impossibilidade do dizer, é constitutivo da linguagem. Desta forma, os sentidos do texto estarão sempre relacionados a um tempo e a um espaço determinados.

Nossa pesquisa configura-se como uma proposta de leitura discursiva do texto literário, visto como materialidade linguístico-histórica, em que buscaremos analisar a constituição do sujeito velho. Vemos o texto literário como um repositório da história de um povo, de sua memória. Compreendemos esse texto também como um meio de o sujeito autor denunciar os fatos de um dado momento sócio, histórico e ideológico. O texto literário é uma das expressões mais fortes da cultura de um povo e através da discursividade,¹ presente nele, podemos entender, compreender e analisar melhor determinada sociedade.

Entendemos que o velho deveria ter na formação social uma importância fundamental por ser ele, muitas vezes, a memória do lugar e de um povo, por ele carregar em si as tradições de um lugar. Segundo o sociólogo Maurice Halbwachs (2006, p. 72), “para evocar o próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referências que existem fora de si, determinados pela sociedade”. Entretanto, muitas vezes, em nossa formação social, o que vemos é o velho sendo tratado como um peso para a sociedade. Uma das

¹ Compreendemos discursividade como a língua encarnada no mundo (história) como afirma Orlandi (1998)

associações mais comuns feita à velhice é a morte, como se não houvesse mais nada a fazer nessa fase da vida a não ser esperar por ela, pela morte. De modo geral, deixamos para traz o respeito e a valorização do sujeito velho como lugar de memória.

Alguns autores, através da literatura, espaço mnemônico, trazem de volta a voz dos velhos e com ela a voz da tradição, da história e da memória cultural de um povo. Mia Couto, escritor moçambicano, é um desses autores. Na voz dos avós de Mia Couto vemos prementemente a preservação da tradição do povo moçambicano.

A sociedade africana, em especial, de Moçambique, procurou tratar esse período da vida de uma maneira bem diferente. O mais velho era visto como o mantenedor das tradições e “o dono do saber” e o seu papel na sociedade era bem definido, ele tinha a responsabilidade de ensinar os mais jovens e transmitir para eles os princípios tão importantes da sociedade e manter viva a sabedoria e costumes de seus ancestrais. No entanto, nos contos de Mia Couto começamos a ver um velho esquecido pela sociedade, que vai perdendo esse lugar tão marcado que lhe era dado.

É possível perceber esse esquecimento da sociedade em relação ao velho no livro “Contos do Nascer da Terra” (1997). Nessa obra, o autor traz três contos que mostram esse lugar e esse “deslugar” do velho na sociedade moçambicana, são eles: “A Casa Marina”, “Velho com jardim nas traseiras do tempo” e “A Viúva Nacional”. Na análise desses contos, buscamos fazer uma leitura considerando a discursividade do texto, a fim de que aspectos importantes da sociedade moçambicana como a cultura, a tradição e a memória fossem evidenciados.

Partindo dos pontos aqui expostos, o objetivo geral do nosso trabalho é analisar, à luz da Análise de Discurso de linha francesa, como a sociedade moçambicana vê o sujeito velho a partir desses três contos de Mia Couto. Para atingir esse objetivo geral, elencamos os seguintes objetivos específicos identificar as vontades de verdade acerca do sujeito, identificar e analisar como a loucura é associada a velhice e identificar e analisar a relação entre o sujeito velho e o sujeito jovem. Iremos ainda analisar as concepções de tradição e memória presentes nos contos e sua relação com o contexto cultural moçambicano.

Nossa monografia está dividida em dois capítulos. No primeiro, discutiremos conceitos basilares da análise de discurso, como: sujeito, discurso, ideologia e formação discursiva. Questões como tradição, cultura e memória também serão discutidos nesse capítulo como um segundo ponto. Ainda nesse capítulo, em um terceiro ponto, serão

discutidos os mecanismos de controle dos discursos de Foucault, com foco especial na loucura e nos jogos de verdade.

No segundo capítulo será feita a análise dos três contos mencionados, a análise será dividida em dois blocos. No primeiro trataremos o velho como lugar de morte, no qual será discutido o deslugar do velho e a loucura atribuída à velhice. No segundo bloco analisaremos o velho como lugar de sabedoria.

Diante do que foi discutido, escolhemos a análise de discurso de linha francesa como suporte teórico para analisar esses três contos de Mia Couto por essa teoria trazer para a análise a discursividade presente no texto e fornecer os mecanismos necessários para uma análise que envolva também o momento histórico e as questões sociais presentes.

2- Metodologia

Nossa pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa descritiva de natureza interpretativa. Segundo André (1995: p. 17), a pesquisa descritiva interpretativa busca “a interpretação em lugar da mensuração, a descoberta em lugar da constatação, a valoração e a indução em lugar da dedução, assume que fator e valores estão intimamente relacionados, tornando-se inaceitável uma postura neutra do pesquisador”.

A pesquisa se fundamenta nos pressupostos da Análise de Discurso de linha francesa, portanto não vemos o texto como um produto acabado e sim como um texto que está sempre em déficit porque nem tudo é sempre dito.

O autor dos contos analisados é o escritor moçambicano Mia Couto, pseudônimo de António Emilio Leite Couto. Ele nasceu em Beira, Moçambique, na África, no dia 05 de julho de 1955 e além de escritor, Mia Couto também é biólogo. Couto viu Moçambique ser colônia de Portugal e só conseguir a independência depois de uma guerra. O autor viu também em seguida um governo com tendências marxistas assumir e poder e querer abolir a religião, o que resultou em uma guerra civil.

Diante de tudo isso que vivenciou, o olhar de Mia Couto volta-se incessantemente para sua pátria e para seus dilemas, buscando preservar a cultura e uma identidade nacional, pintando um belo quadro de sua sociedade, com seus vícios e virtudes. Ao falar de sua formação social, Couto afirma: “A nossa sociedade tem uma história similar à de um indivíduo. Ambos os percursos são marcados por rituais de transição: o nascimento, o fim da adolescência, o casamento, o fim da vida” (Couto, 2011: p 43).

Olhando para esse quadro pintado por Mia Couto, objetivamos analisar como a sociedade moçambicana vê o sujeito velho, para tanto, delimitamos o *corpus* da pesquisa. Como mencionado na introdução, será objeto de nossa análise os contos: “A Casa Marina”, “Velho com jardim nas traseiras do tempo” e “A Viúva Nacional”. Esses três contos foram retirados do livro “Contos do nascer da terra”, de 1997. Nessa coletânea, Mia Couto, entre o discurso real e o discurso ficcional, vai pintando histórias do cotidiano de sua sociedade, da nação moçambicana. Questões como cultura, tradição, misticismo, identidade e velhice são tratadas ao longo desse livro. Combinando austeridade histórica e imaginação poética, esse *griot* da modernidade, retrata de forma magistral alguns dilemas de sua formação social nessas singulares narrativas.

Nos contos dessa coletânea, “Contos do Nascer da Terra” (1997), é possível ouvir uma voz que denuncia o descaso com a velhice; o desprezo dos mais jovens pela voz tradição; as agressões sofridas também pelas mulheres.

Nosso procedimento de análise parte do funcionamento linguístico para se chegar ao funcionamento discursivo. De acordo com Indursky (2011, p. 329), “nesse momento, a analista teoriza. Como se vê, trata-se de uma teoria que trabalha com movimentos pendulares que vão da teoria para a prática e, dessa, de volta à teoria”. Assim procedendo, de cada conto foram elencados recortes textuais (RT), enumerados de 1 a 14 que foram analisados levando em conta conceitos chaves da Análise de Discurso de linha francesa, principalmente os conceitos da perspectiva foucaultiana. No item que segue apresentamos inicialmente um breve histórico dessa teoria de interpretação, a AD, e em sequência, exporemos alguns dos conceitos centrais para análise dos contos.

3 – Fundamentação Teórica

Na França, em meio a um cenário político e intelectual efervescente, do final dos anos 60, surge, dentre outras teorias da enunciação, a Análise de Discurso de linha francesa. Essa teoria de interpretação surge com caráter transdisciplinar, pois trabalha com três diferentes áreas do conhecimento: o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso, perpassadas por uma teoria psicanalítica.

Michel Pêcheux, um de seus fundadores, esclarece em seu texto “Análise de discurso: três épocas” (1983) que AD se fundamenta sobre esses três grandes pilares do conhecimento: uma teoria linguística, a partir das leituras Saussure; uma teoria da sociedade, advinda do materialismo histórico, encontrado em Marx pela releitura de Althusser; e, por último, uma teoria do inconsciente, das ideias de Freud, a partir da leitura de Lacan. Advinda da teoria psicanalítica, apresenta-se a ideia do descentramento da noção de homem para a de sujeito, que é um dos pontos que diferencia significativamente a AD das demais teorias do texto.

Diferindo-se da linguística textual que tem o texto como o seu objeto de estudo e o tomava, nesta época, como um produto pronto e acabado, fechado em si, os estudos discursivos procuram ler mais que a materialidade desse texto, mais do que o que está ali escrito. Esses estudos procuram ler a discursividade constitutiva do texto, considerando que a discursividade compreende o espaço a língua e o espaço da história, considera “a língua encarnada no mundo” como afirma Orlandi (2001).

Ao apresentar a proposta dos estudos discursivos, Eni Orlandi (1999) afirma que:

Em uma proposta em que o político e o simbólico se confrontam, essa nova forma de conhecimento coloca questões para a Linguística, interpelando-a pela historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões para as Ciências Sociais, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam. Dessa maneira, os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística. (ORLANDI, 1999, p.16)

Segundo a autora, os estudos discursivos procuram os sentidos dimensionados no tempo, nas práticas que os homens realizam, não há sentidos sem que esses estejam ligados a historicidade, cultura, tradições de determinado povo e lugar e por que nos referirmos a literatura que também denunciam esses aspectos da sociedade. A autora

ainda fala que os estudos discursivos questionam a transparência da linguagem e descentra a noção de indivíduo, deslocando-se para a noção de sujeito, colocando-o como um ser que não é uno, que não é completo. Outro ponto importante para os estudos discursivos e mais especificamente para a Análise de Discurso, é que “o sentido sempre pode ser outro” (INDURSKY, 2007a p. 16), reafirmando-se assim uma perspectiva não transparente da linguagem, considerando, pois, seu equívoco constitutivo. Ainda segundo Orlandi (2001),

“[...] não é no texto em si que estão (como conteúdos) as múltiplas possibilidades de sua leitura, é no espaço constituído pela relação do discurso e o texto, um entremeio, onde jogam os diferentes gestos de interpretação” (ORLANDI, 2001: p 45).

Para Orlandi, o discurso, objeto de investigação da AD, é “(...) definido em sua materialidade simbólica, é efeito de sentidos entre locutores, trazendo em si as marcas da articulação da língua com a história para significar” (ORLANDI, 2001: p. 45). Parafraseando a pesquisadora, podemos dizer que o discurso é efeito de sentido entre sujeitos históricos e que se enuncia através de materialidades da linguagem, através dos textos. Nessa perspectiva, concordamos com Possenti (1999) quando afirma que:

“Afinal, discurso é o que as pessoas dizem [...] – não porque se trata de pessoas que dizem, simplesmente, mas porque, para dizer, estão necessariamente inseridas em situações sociais – às quais se poderia chamar de posições de sujeito” (POSSENTI, Os limites do discurso. 1999.)

Segundo Possenti (1999), o dizer das pessoas não é marcado apenas pela vontade que elas têm de dizer o que dizem, mas pelas situações sociais nas quais elas estão inseridas, a partir das quais são interpeladas em sujeitos. Por isso Possenti (1999) chama esse lugar de onde o indivíduo fala de posição de sujeito. Ao se inserir em determinada situação social, o indivíduo assume uma determinada posição de sujeito. Por isso o social, o momento sócio-histórico é tão importante para compreender que posição de sujeito o indivíduo assume ao falar. É por isso que é necessário compreender o momento sócio-histórico em que Mía Couto escreve os “Contos do Nascer da Terra” e como estava Moçambique nesse período.

Moçambique é um país situado na costa sudeste do continente africano. Com uma população de mais de 25 milhões de habitantes, tem como atividades econômicas

básicas a agricultura, extração de minério e indústria farmacêutica com destaque para a produção de retro virais.

Moçambique foi colonizado por Portugal no século XVI e conquistou sua independência em 25 de junho 1975 depois de muita luta. A FRELIMO, Frente de Libertação de Moçambique, foi um dos movimentos responsáveis pela conquista da independência. Mas a independência do país não pôs fim a problemas antigos vividos pela população como a grande desigualdade social e a falta de emprego no país.

Mia Couto participou diretamente dessas lutas, tanto nas ruas quanto com sua literatura. E atualmente ele continua lutando para que Moçambique seja um país com identidade própria.

Em 1997 Mia Couto publica o livro “Contos do Nascer da Terra”, apenas 22 anos após de proclamada a independência em Moçambique. Ao escrever esse livro ele busca que nasça de verdade uma nova terra, uma terra que busque a modernidade, mas sem esquecer suas tradições vivas na memória dos mais velhos. O autor mostra que não se pode lutar e construir um futuro diferente sem olhar para o passado, a história existe para nos ajudar nesse caminho. É nesse cenário sócio-histórico que o autor escreve e que seus contos são ambientados. Um cenário ambiente de tradições e cultura que perpassam cada posição de sujeito e cada discurso nessa sociedade. No item seguinte, discutiremos mais acerca do discurso e do sujeito.

3.1 – Discurso e Sujeito: Conceitos basilares.

Segundo Pêcheux (1975), a ideologia interpela o indivíduo em sujeito, ou seja, a ideologia “chama” o indivíduo para se inserir em determinada formação ideológica, para assim assumir esse lugar de sujeito. O discurso denuncia em qual posição de sujeito o indivíduo está inserido naquele momento histórico. Para Orlandi (1999) “a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história” (p. 48). A interpelação do indivíduo em sujeito acaba por apagar a inscrição da língua na história, produzindo o efeito de evidência do sentido e conseqüentemente, a impressão que o sujeito é a origem do dizer. (p.48)

A AD não trabalha com indivíduos, “mas com sujeitos historicamente determinados” (INDURSKY. 2007. p. 11). Esses sujeitos historicamente determinados

têm essa ilusão que o diz e pensa são oriundos de si, mas na verdade eles estão inscritos dentro de uma determinada ideologia. Orlandi (1999) diz:

A forma-sujeito histórica que corresponde à da sua sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que as submeta à língua para sabê-la. (ORLANDI, 1999, p.50)

Ao sujeito é permitido “uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas” como afirma a autora, porém tanto a liberdade quanto a submissão são regradadas pelos discursos de cada época. Foucault afirma que “não se pode pensar qualquer coisa em qualquer tempo” (apud: VEYNE, 2014, p. 49), em cada momento é permitido ao sujeito pensar e agir de determinada maneira, como ditar os discursos ali vigentes. As vontades de verdade são quem dizem como o sujeito deve ser em cada época. Vontade de verdade é um dos mecanismos de controle dos discursos de Foucault (2013). Para Foucault, cada sociedade busca controlar a produção de discursos em seu meio, a vontade de verdade é um desses meios, junto com a interdição e a loucura. Esses mecanismos serão discutidos mais adiante.

Foucault define discurso como “a descrição mais precisa, mais concisa de uma formação histórica em sua nudez.” (apud: VEYNE, 2014, p. 16-17). Nessa definição de Foucault, ele entende o discurso de determinado momento histórico diferente do discurso de outro momento, mesmo que bem próximos. No Brasil, por exemplo, na década de 90, ao se pensar em velhice, a ideia mais comum era de fim da vida e não havia políticas públicas que garantisse direitos básicos a esses sujeitos. A partir de 2003 com o estatuto do idoso esse olhar passa a mudar. Mesmo sendo períodos de tempo próximos, a produção de novos discursos muda o comportamento e a formação dos sujeitos desse momento histórico. A ligação entre língua e história é que produz discursividade, e a cada momento a história acontece e a língua cria novas possibilidades de sentido. O sujeito carrega em si não só a sua história, mas a história de toda a sociedade na qual está inserido.

Os sujeitos são perpassados pelos discursos de determinado momento histórico. Esse discurso compõe as vontades de verdade das formações sociais nas quais estão inseridos, e dialogam também com os discursos já existentes. Paul Veyne, discutindo o pensamento de Foucault, afirma que cada sociedade em cada momento cria o que ele

chama de dispositivos, e são esses dispositivos que dão aos discursos o status de verdade ou não, Veyne (2014) diz:

Cada um desses discursos sucessivos se vê implicado nas leis penais, nos gestos, nas instituições, nos poderes, nos costumes e até mesmo nos edifícios que o põe em funcionamento e formam o que Foucault chama de dispositivo. (VEYNE, 2014, p.20)

Cada sociedade cria em cada tempo esses dispositivos: leis, estatutos e normas que influenciam a cultura; a maneira da sociedade ver determinadas questões. Veyne (2014) ainda citando Foucault, diz que cada sociedade cria seu próprio aquário para permanecer ali por determinado tempo. Foucault usa a metáfora do aquário nessa comparação pelo fato do peixe, que está lá dentro, conseguir ver através do vidro. Ele consegue ver além, mas só pode viver naquele espaço determinado pelo aquário. Foucault diz que “sempre somos prisioneiros de um aquário do qual nem sequer percebemos as paredes” (apud VEYNE, 2014, p, 49). É o que acontece com um sujeito em determinado momento histórico, por mais que ele veja além, ele permanece no espaço demarcado pelos dispositivos de sua época.

Vemos isso, por exemplo, ao pensarmos nos direitos garantidos aos idosos nos dias de hoje. Décadas atrás não se pensava em garantir esses benefícios ao idoso, talvez até por que a expectativa de vida do idoso era mais baixa. Por mais que o sujeito de determinado momento visse essa necessidade, só com o passar dos anos é que os dispositivos que garantiriam esses direitos seriam criados pela sociedade, como o estatuto do idoso já citado aqui, por exemplo. A partir de então esses discursos ganham o *status* de verdade e passam a circular na sociedade.

Outro ponto basilar para entender o discurso, é considerar que o todo dizer se apoia em um já dito, alicerça-se na ordem do repetível. Não existe o dizer nunca dito. Tudo o que se diz é baseado no que já foi dito anteriormente. É o que Orlandi (1999), a partir de Pêcheux, chama de interdiscurso. O interdiscurso é o conjunto de todos os dizeres já ditos, é a ordem do dizível, que é o conjunto de todos os dizeres possíveis dentro de uma determinada época. Enquanto o interdiscurso representa o conjunto dos dizeres já ditos, o intradiscorso é a formulação do dizer, é o que o sujeito escolhe para construir o que diz em determinado momento, seria um espaço de liberdade delimitado pelas condições de produção. Orlandi (1999) compara o interdiscurso e o intradiscorso a dois eixos, ela diz:

Disso se deduz que há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação. Courtine (1984) explicita essa diferença considerando a constituição – o que estamos chamando de interdiscurso – representada como um eixo vertical onde teríamos os dizeres já ditos – e esquecidos – em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal – o intradiscurso – que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas. (ORLANDI, 1999, p.32)

Segundo a autora, o interdiscurso seria um eixo vertical no qual estão as possibilidades do dizer, os esquecimentos e o já dito, e o intradiscurso seria um eixo horizontal, da formulação, da escolha do que se diz para significar numa situação discursiva dada. Esse esquecimento é constitutivo do sujeito, ele precisa desse esquecimento para ter a ilusão que é a origem do seu dizer. Orlandi (1999) diz que é “por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes”. (p.35)

É importante entender que o sujeito é tanto livre quanto é preso ao discurso, ele é preso à memória discursiva e ao que já foi dito, mas ele tem uma liberdade regrada para escolher como vai formular o seu dizer, isso se configura tanto no seu dizer quanto nas coisas que o sujeito faz, como por exemplo, a literatura produzida por ele em determinada época. A literatura pode atuar como um espelho de uma sociedade em um determinado momento. Ao escrever o autor está carregado dos discursos de uma dada formação social que lhe são constitutivos, sendo assim, em sua obra, ele deixa entrever esses discursos. Na tessitura de sua obra, o sujeito autor parte do discurso real ao discurso ficcional e as marcas de um e outro discurso vão sendo deixadas na obra. Em relação a isso Maria Aparecida Baccega diz:

Desses limites, por outro lado, estende-se a ponte que liga à realidade exterior a ele: elaborada a partir da linguagem verbal, que contém a prática daquela sociedade aí solidificada – ou, como dissemos, na qual se assenta a história daquela cultura - , a obra literária mantém estreitos laços com a sociedade que a concebeu. Ela é resultado do trabalho do escritor, homem do seu tempo e do seu espaço. (BACCEGA. 2013, p. 128)

Esses “estreitos laços com a sociedade que a concebeu”, como disse a autora, faz com que a literatura seja um grande “repositório” dos discursos, das práticas, das tradições e da cultura de uma dada formação sociedade. Atuando, assim, a literatura, como registro da história de um povo para a manutenção da sua identidade. A literatura

pode ser, pois, considerada como um lugar de memória de um povo, sua memória discursiva, o arquivo de suas tradições e de suas vontades de verdade. Inscrevendo-se numa dada formação discursiva, ao escrever, o sujeito autor não se desvincula dos discursos que lhe são constitutivos, a sua obra é carregada da história, da memória, dos regimes de verdade de sua formação social, de seu tempo.

Veyne (2014) citando Foucault, define a formação discursiva como aquilo que as pessoas fazem e dizem em determinada época, seus gestos, suas palavras e como esses atos são compreensíveis entre eles. Ou seja, as práticas discursivas de uma sociedade são as práticas que lhes são comuns e compreensíveis. Orlandi (1999) diz que as práticas discursivas determinam o que pode e não pode ser dito através do interdiscurso. Sendo assim, a obra literária é carregada dos fios da história, das vontades de verdade presentes na formação social do seu autor.

Ao ler um conto e vermos os discursos ali contidos, percebemos uma grande semelhança com os discursos presentes na história do povo que essa obra procura espelhar. Baccega (2013) afirma que os discursos presentes na história têm o que ela chama de efeito de real, enquanto os discursos presentes na literatura, ou o discurso ficcional, têm o efeito de outro real, eles representam o que a realidade é ou poderia ser em determinado momento.

Tanto o discurso real quanto o ficcional têm uma função na constituição do sujeito de determinada época. A posição de sujeito é perpassada por esses discursos e assim se constitui sócio historicamente, juntamente com a memória e cultura de determinado lugar. No item seguinte, discutiremos os conceitos de cultura memória e identidade.

3.2 – Identidade, cultura e mecanismos de controle dos discursos: Um olha sobre a Velhice em Mia Couto.

A noção de identidade está relacionada à noção de sujeito e de ideologia. O indivíduo de determinada época é interpelado pela ideologia a assumir determinada posição identitária. Hall (2011) defende que a concepção de identidade passou por um momento em que o sujeito era visto como um “indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (p.10). Desta maneira, segundo essa teoria, o indivíduo era visto como totalmente centrado e

consciente de tudo que fala e faz. Hall afirma que pensar na identidade do sujeito como coerente e unificada é uma fantasia, ele diz:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (HALL. 2011. p. 13)

Diante das palavras de Hall (2011), é possível compreender que o conceito de identidade não deve ser tomado como algo estanque, imóvel ou acabado. Com os sistemas de significação e a cultura cada vez mais latente, identidades vão sendo criadas e modificadas nesse mesmo passo. As identidades passam por mudanças frequentes. Ao longo de sua existência, os sujeitos não adotam apenas uma identidade para si, eles podem se identificar com uma ou várias identidades em determinados momentos. Vale salientar que essa identificação não é aleatória ou uma escolha livre das coerções sociais. As identidades assumidas pelos sujeitos estão intimamente atreladas aos regimes de verdade de uma época, às suas determinações ideológicas.

Hall (2011) afirma que o sujeito “previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL. 2011. p. 12). Com todas as mudanças da atualidade e também com a globalização, fica cada vez mais difícil definir uma identidade unificada que não sofra influências de outras identidades. Vemos isso ao analisar o sujeito velho na obra de Mia Couto. Na obra do autor, que tem como pano de fundo a Moçambique pós-colonial, o sujeito velho nessa formação social assume as identidades de guardião da tradição e da sabedoria. O sujeito velho é visto como aquele que pode ensinar e passar o conhecimento, a cultura e a tradição de sua nação para os mais novos. No entanto, em determinados momentos das narrativas, é possível também ver esse sujeito velho assumido outras identidades, assumindo simplesmente a identidade do louco, sendo, pois, relegado ao esquecimento, à solidão.

Hall (2011) afirma que essas mudanças constantes nas sociedades modernas são a principal diferença entre elas e as sociedades ditas “tradicionais” do passado. Em Moçambique, a sociedade mesmo sofrendo essas mudanças no presente não quer deixar de olhar para o passado e lembrar as suas tradições e cultura por meio da memória dos mais velhos.

O autor ainda afirma que atualmente deveríamos ao invés de falar em identidade, devíamos falar em significação, que é quando o indivíduo na posição de sujeito se identifica com uma (s) identidade (s). Hall (2011) diz:

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de significação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. (HALL. 2011. p. 39) (Grifo do autor)

Essa falta de inteireza da identidade é que permite que o indivíduo se identifique com outras identidades e (re)signifique a sua posição de sujeito dentro da sociedade em que vive. Assim sendo, a significação é processo e não um produto pronto, instável. Assim como disse o autor, a cada ressignificação, a posição de sujeito do indivíduo é atualizada.

A identidade, ou processo de significação do sujeito, está ligada às vontades de verdade de seu tempo. A cultura atua fortemente junto a essa ideologia que interpela esse indivíduo em sujeito. Numa perspectiva etnográfica, Laraia (2008), apresenta o seguinte conceito de cultura:

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês *Culture*, que “ tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábito adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (LARAIA. 2008. p. 25) (Grifos do autor).

Por esse conceito do autor, podemos ver o caráter amplo da cultura e como ela é constitutiva na formação discursiva dos indivíduos de uma sociedade. As crenças, os conhecimentos, a arte, tudo isso pode denunciar o que é característico dessa ou daquela cultura.

Ao ler Mia Couto, vemos que as questões relativas à cultura são bem marcadas em suas obras e por isso compreender o momento sócio histórico no qual elas foram escritas, ou o momento em que as histórias se passam, é tão importante para realizar uma análise

Ainda falando de cultura, Hall (2011) diz que a cultura nacional funciona como um “discurso” dentro de uma sociedade:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. (veja *Penguin Dictionary of Sociology*: verbete “*discourse*”) (HALL. 2011. p. 51) (Grifo do autor)

As ações do sujeito de uma sociedade são marcadas pelos aspectos culturais daquela época em que o sujeito está inserido, como em um aquário, usando a comparação proposta por Foucault (apud: VEYNE, 2014). Uma característica importante da cultura é que ela pode mudar ou se perder com o tempo, a cultura está sempre presente na vida do sujeito. Os mais velhos de Moçambique procuram manter viva no presente as práticas culturais de determinado momento do passado. A cultura atua como essa voz que chama para o presente as práticas e tradições de uma sociedade que ficaram no passado.

Veyne (2014) diz que mesmo que o sujeito tenha a ilusão que é livre dos discursos presentes na sua sociedade e ache que esses discursos não o perpassam, ele ainda é filho do seu tempo e “essas práticas não são algo que o próprio indivíduo inventa, são esquemas que ele encontra em sua cultura” (VEYNE. 2014. p. 182).

A cultura está intimamente ligada à memória e a esse efeito de trazer de volta o que já se passou. O velho tem uma função social bem marcante nesse recurso, já que suas memórias, mesmo individuais, em vários momentos acabam se tornando memórias coletivas de toda uma sociedade, já que passou por várias épocas e viu várias mudanças. Como diz Ecléa Bosi (2012) “o velho consegue olhar para o presente com uma serenidade que ainda não é permitida aos mais jovens”. (p. 77)

Ecléa Bosi (2012) ao falar da memória dos mais velhos diz:

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade. (BOSI. 2012. p. 47)

A autora dá ao mais velho um papel fundamental em uma sociedade, que o papel de lembrar. Ao revisitar as suas memórias, o velho lembra-se de tradições, práticas discursivas vigentes de determinados momentos históricos que hoje podem não circular mais. O mais velho ainda se lembra da sua história e da história da sociedade em que vive, pois a história de todo indivíduo se confunde com a história de sua formação social e de sua cultura, portanto a história de um indivíduo é sempre uma história coletiva e não individual no sentido habitual do termo.

A memória individual não está tão distante da memória coletiva de uma sociedade. A memória coletiva serve de base de apoio da memória individual, pois o indivíduo vê os acontecimentos, discursos e práticas do seu tempo como lhe é permitido ver, ou como lhe é permitido interpretar, imerso no “aquário” de seu tempo. A memória do indivíduo é perpassada pelos discursos de determinado momento e sua memória vai se construindo a partir da sua posição de sujeito. Por isso a memória individual é como que um espelho da coletiva, mesmo o indivíduo selecionando o que prefere lembrar. Nascimento e Ramos dizem (2011):

Nossas lembranças mais pessoais não podem prescindir da ambiência coletiva onde estamos inseridos e, portanto, influenciados pelas suas transformações. Inferimos que a memória individual, não podendo se engendrar isoladamente, se coaduna às lembranças de outros, na interação diária com o grupo, em conversas e leituras que ajudam a interligar memória pessoal e memória social. (NASCIMENTO e RAMOS. 2011. p. 455)

Segundo as autoras, um indivíduo pode influenciar na memória do outro e assim construir uma memória coletiva. É fundamental entender como esse jogo entre memória individual e coletiva faz com que cada uma delas tenha muito da outra em si. É por isso que a memória de um indivíduo pode ser considerada como memória coletiva, pois as duas são construídas sócio-culturalmente em determinados momentos históricos.

A memória e a literatura atuam também na preservação da identidade cultural de uma sociedade, as obras de Mia Couto nos ratificam isso. O momento sócio-histórico em que Couto escreve mostra uma Moçambique que procura firmar uma identidade contemporânea sem perder a ligação com o passado e as tradições vivas na memória dos mais velhos. A literatura de coutiana serve como um elo para unir esses pontos. Em relação a esse movimento entre memória e literatura, Nascimento e Ramos dizem:

Rememorar os mitos e histórias pelo registro da literatura torna-se um modo eficaz de resistir ao processo massificador da modernização e à

assimilação cultural que podem, coercitivamente, afastar os povos de seus costumes e origem, porém, sem conseguir suplantar as marcas impressas pela memória. (NASCIMENTO e RAMOS. 2011. p. 459)

Para as autoras, a literatura carregada das memórias de uma sociedade atua como uma resistência aos processos de modernização que tentam suplantar a cultura e as suas tradições. Essas lembranças estão presentes no sujeito de uma forma que não podem ser arrancadas ou apagadas.

São nessas memórias e lembranças que a sociedade carrega as suas tradições. As tradições de uma sociedade é um aspecto fundamental de uma cultura. Elas denunciam as vontades de verdade de uma época.

As tradições existentes em um determinado lugar são essenciais para a formação da identidade dessa sociedade. O velho tem um papel fundamental na perpetuação e manutenção dessas tradições. Carmen Lúcia Tindó Secco diz que nas sociedades africanas “o envelhecimento era concebido como fonte de experiências e o idoso, como guardião das tradições.” (1994. p. 10). Desse modo, é dado ao mais velho o seu papel de mantenedor das tradições do seu povo. É o mais velho que deve ensinar o mais jovem, passar a ele os conhecimentos, ritos, tradições, misticismo que aprendeu com o passar dos anos. Nessas sociedades africanas, em especial Moçambique, o velho tem uma posição mais ativa e tem o seu lugar respeitado.

Cabe ao idoso ser um elo entre o passado, representado pelas suas memórias e suas vivências, e o futuro representado pelos mais jovens. Nesse contexto, a velhice era vista como “uma etapa prestigiada da existência humana” (SECCO. 1994. p. 11) e era respeitada pela sociedade.

A transmissão oral do conhecimento era a maneira como o mais velho ensinava o mais jovem. Secco (1994) diz:

Pelo encantamento da narrativa oral, o ancião tecia seus conselhos, alimentados estes pela matéria viva de sua existência que se transformava, assim, em sabedoria, dessa forma a perpetuação da comunidade através dos tempos. (SECCO. 1994. p. 11)

Pela transmissão oral, o mais velho passa o conhecimento e suas experiências de vida para o mais jovem. É possível ver nos contos de Mía Couto analisados que quando o mais velho procurava ensinar o adulto e este não lhe dava a devida atenção, o mais jovem é quem se mostrava aberto para ouvi-lo e receber esse conhecimento.

Com a modernização das sociedades contemporâneas, o que foi se percebendo é que cada vez mais o velho era colocado à margem da sociedade. Em várias sociedades

o idoso perde o seu lugar de atividade e é deixado de lado. É possível verificar nos contos analisados, que em Moçambique em que o lugar do mais velho seria o lugar de guardião das tradições, o velho vai perdendo as suas atribuições e também perdendo o esse lugar.

Ao tecer os “contos do nascer da terra”, o sujeito autor nos mostra o que vê acontecendo com o velho na sociedade em que vive. A partir desse “deslugar” do velho na sociedade, esse sujeito vai passando por um processo de envelhecimento muito mais social do que biológico. Esse deslugar representa tanto a perda do lugar que o velho ocupava na sociedade, quanto o abandono e o esquecimento que o sujeito velho enfrenta. Ao ser deixado de lado e perder esse lugar ativo na sociedade, tacitamente, é dada ao mais velho a sentença de esperar pela morte. Contrariando esse pensamento, o gerontólogo Heinz Woltereck (1960), diz que a senescência não representa necessariamente declínio, mas pelo contrário, significando inclusive plenitude, até por que, segundo ele, o importante não são os anos acumulados, mas o seu conteúdo em termos de vivência, sendo assim, a velhice está longe de ser um período da vida no qual só resta esperar pela morte, mas é um período em que o senil pode encontrar a plenitude e contribuir com a sociedade em que vive.

Esse discurso a respeito do mais velho, assim como outros discursos, circula em uma determinada sociedade por meio de certos mecanismos que dizem o que os indivíduos podem ou não podem fazer e dizer em determinados lugares e momentos. Foucault já havia dito que “não se pode pensar qualquer coisa em qualquer tempo” (apud: VEYNE. 2014). Por isso para Foucault (2013), cada sociedade em cada tempo cria o que ele chama de mecanismos de controle dos discursos. Ele afirma que “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos” (2013, p. 8). Segundo o autor, ao mesmo tempo em que a sociedade produz os discursos ela também se coloca dentro das ordens desses discursos.

Esses procedimentos de Foucault podem ser separados em três tipos de mecanismos: de exclusão, internos e de controle dos discursos. Em nossas análises utilizaremos apenas os mecanismos de exclusão.

O propósito do mecanismo de exclusão é controlar a produção de discursos dentro de uma sociedade colocando limites nesse processo. Esses mecanismos procuram

controlar a circulação de discursos em uma sociedade. Ele pode atuar de três maneiras diferentes, uma delas é a interdição.

A interdição se apresenta de algumas formas e uma delas é que certos discursos não devem ser mencionados pelos sujeitos, esses discursos são tabus na sociedade, como a sexualidade ou a política, por exemplo. Manter esses discursos como tabus, é uma tentativa de que as vontades de verdade que se sustentam neles não sejam questionadas pelos sujeitos. A interdição ainda diz que determinados discursos só podem ser discutidos em determinadas ocasiões e que outros discursos só podem ser discutidos por determinados sujeitos.

Outro mecanismo de exclusão é a oposição entre razão e loucura. Se um sujeito se coloca a favor de algum discurso que é proibido pela interdição, ou questiona um discurso visto como tabu na sociedade, esse sujeito pode ser visto como aquele que não tem razão, ou seja, como louco. “O louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros.” (FOUCAULT. 2013, p. 10) e assim o discurso do louco é visto como o discurso que não tem razão. A razão é colocada como o oposto da loucura.

Nos contos analisados, podemos ver como essa oposição de razão e loucura exclui o sujeito e seus discursos do meio da sociedade. Em contra partida a tudo isso, o autor diz que estranhos poderes são reservados à loucura, como “o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber.” (2013, p. 11). Foucault ainda diz que a loucura do louco era medida pelas suas palavras e que todo aparato criado pela sociedade sustenta o discurso da loucura e todas as práticas discursivas que a envolvem.

Foucault (*apud* Motta. 2002) ainda afirma que a loucura só existe em uma sociedade. Apenas em sociedade com regras e leis definidas é que se classifica o sujeito como louco e se define as suas atitudes como loucura. Nessa entrevista concedida em 1961, o autor fala das muitas explicações psiquiátricas que foram levantadas com o passar do tempo para explicar o que seria a loucura. Em resposta a uma das perguntas da entrevista, Foucault diz:

A loucura não pode ser encontrada no estado selvagem. A loucura só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas da sensibilidade que a isolam e das formas de repulsa que a excluem ou a capturam. (FOUCAULT. *apud* Motta. 2002. p. 163)

Através desse discurso de oposição entre razão e loucura e de suas vontades de verdade, cada sociedade vai criando o que, para ela, é ou não é loucura. Determinar se alguém é louco vai bem além de questões psicológicas ou psiquiátricas, existem

questões sociais que tem um peso bem maior nessa decisão. Manter certos discursos e certos sujeitos no campo da loucura é necessário para que as vontades de verdade de uma sociedade possam continuar circulando. Ratificando tudo isso, Foucault (*apud* Motta. 2002) diz que “cada cultura tem a loucura que merece.” (p,164)

O terceiro mecanismo de exclusão citado por Foucault é o regime de verdade. Esse mecanismo se apoia na oposição do verdadeiro e do falso, de onde há e onde não há a verdade.

O autor diz que essas verdades, ou essas vontades de verdade “se organizam em torno de contingências históricas; que não são apenas modificáveis, mas estão em perpétuo deslocamento,” (FOUCAULT. 2013. p. 13). Logo essas verdades mudam conforme o momento sócio histórico em que circulam, daí serem denominadas vontade de verdade. Há um sistema de instituições dentro de cada sociedade que impõem as vontades de verdade e faz com que elas sejam conduzidas. Paul Veyne (2014) afirma que:

Um certo regime de verdade e certas práticas formam assim um dispositivo de saber-poder que inscreve no real o que não existe, submetendo-o ainda à divisão do verdadeiro e do falso. (VEYNE. 2014. p. 166)

De acordo com Veyne (2014), esse regime de verdade se instala no real e cria essa divisão do verdadeiro e do falso, da razão e da loucura, do discurso que pode ganhar o *status* de verdadeiro ou não. Tudo isso amparado pelos dispositivos criados pela sociedade. É importante compreender que para Foucault a verdade em si não existe. Para o filósofo francês, alicerçado nas discussões propostas por Nietzsche, o que existem são vontades de verdade e todas as práticas que as amparam e as sustentam como “verdades”.

Assim, uma vontade de verdade apoiada nos devidos suportes institucionais exerce pressão nos outros discursos, eliminando as outras vontades de verdade que possam ir de encontro a ela. Exemplificando isso, a partir do momento em que o ministério da saúde do Brasil diz que fumar é prejudicial à saúde e lança uma forte campanha de conscientização e abandono do vício, qualquer discurso que incentive o fumo, perde o poder. Esse discurso perde parte da razão. Nessas relações de vontades de verdade, vemos que aquele que detém o poder consegue exercer pressão sobre o outro e são por meio dessas relações de poder que a produção de discursos pode ser controlada numa sociedade.

No capítulo a seguir, a partir do discurso ficcional, analisaremos como essas vontades de verdade agem na constituição do sujeito velho na sociedade moçambicana, de como esse sujeito era visto nessa sociedade e como ele vai perdendo o seu lugar e vai situando-se num *deslugar*...

4- Lugar de sabedoria e de morte: a velhice em *Contos do nascer da terra*

Através das discussões teóricas levantadas na fundamentação teórica desse trabalho, a respeito de sujeito, cultura, memória, mecanismos de controle dos discursos e a própria velhice, podemos olhar para os contos escolhidos como *corpus* desse trabalho e buscar o que o sujeito autor denuncia em suas linhas.

Em cada um dos três contos escolhidos, há a presença de um sujeito velho. Segue nos próximos parágrafos, um breve resumo de cada conto:

No conto “A Casa Marina”, o velho Tiane Kumadzi vive afastado da aldeia, catando na beira da praia pedaços de madeira. Ele pretende com esses restos de navios construir o seu próprio, mas não um navio qualquer, e sim uma casa marina, para o velho Tiane o mar era sua casa e o navio era a maneira de voltar para lá. Ele é acompanhado por um jovem que não é nomeado. Mesmo com a reprovação dos pais a essa amizade, ele permanece junto do velho Tiane ao longo dos dias. O conto é narrado em terceira pessoa e o narrador é o próprio jovem. Ele narra as suas aventuras com Tiane

No conto “A Viúva Nacional”, a personagem Donalena Cemitéla visitava diariamente as tumbas de um cemitério. A cada dia rezava em várias campas diferentes, sem saber qual era a certa, qual de fato era de seu falecido. Um dia o diretor do cemitério, Azaria Azar, vendo o comportamento da velha, lhe proíbe de ir ao cemitério por achar que ela era louca. No dia seguinte à expulsão da velha, chega ao cemitério um dos chefes de Azaria, para render homenagem para um herói de guerra que não teve nenhum parente vivo encontrado. Então Azaria lembra-se de Donalena e procura usá-la como viúva do combatente. Mas Donalena na hora da homenagem acaba rezando em várias campas como era o seu costume.

No conto “Velho com Jardins nas Trazeiras do Tempo”, o narrador nos conta a história de Vlademiro, um velho que vive no banco de uma praça de uma avenida movimentada da cidade. Ele recebe a notícia de que naquela praça será construída uma agência bancária, ele tenta disfarçar a sua tristeza dizendo que está feliz com a novidade, mas deixa a sua tristeza transparecer quando fica sozinho. O conto é narrado por dos seus amigos que o visita para contar a notícia. Dos três contos, Vlademiro é o que transparece mais abandono e solidão.

Os três contos apresentam pontos similares em relação à maneira como o velho é tratado pelos outros indivíduos da sociedade. Nesses contos, os velhos não têm ninguém que lutem em sua defesa, que os protejam e que lhes garantam o devido respeito e lugar.

Outro ponto importante nos contos é que em dois deles as histórias dos velhos são contadas por outra pessoa e não por eles. Sempre o narrador nos contos é outro personagem mais novo como vemos no RT abaixo:

RT1

“Eu seguia-o enquanto ele desperdiçava pegadas na areia da praia. Meus pais muito me proibiam aquelas divagabundagens.” (*A Casa Marina*. p, 145)

“Soube hoje que vão retirar o banco para ali instalar um edifício bancário. A notícia me desabou: o jardimzinho era o último mundo do meu amigo, seu derradeiro refúgio. Decidi visitar Vlademiro, em missão de coração.” (*Velho com Jardim nas Trazeiras do Tempo*. p, 79)

No conto “A Casa Marina”, o jovem menino que acompanha o velho Tiane é quem narra o conto. Já no conto “Velho com Jardim nas Trazeiras do Tempo” quem narra a história de Vlademiro é uma das pessoas que o visita em seu banco na praça. No conto “A Viúva Nacional” a voz do narrador é em terceira pessoa, é um narrador onisciente e não há menção de quem ele seja. O autor denuncia pela maneira que os contos são narrados que é como se não houvesse mais tempo para os velhos contar a sua própria história, ou precisassem de outros para fazer isso e que para sua história pudesse ser ouvida. Aparentemente, até o direito de contar a própria história lhe foi negado pela sociedade e o sujeito autor busca evidenciar isso pelo discurso ficcional.

Um discurso recorrente que envolve a velhice, é que esse momento da vida está diretamente ligado à espera pela morte. É como se tudo que o sujeito quisesse fazer em sua vida, deveria fazer antes da velhice, pois nesse momento da vida não é mais hora de buscar algo ou lutar pelo que se quer. Parece que a inevitável morte fosse mais certa na velhice que em qualquer outra época da vida. Vemos isso no conto “A casa Marina” com o velho Tiane, para a sociedade, ele não tinha mais idade para construir um navio ou algo parecido, ele deveria ficar na aldeia e descansar. A visão com relação ao sujeito velho é que ele já fez o que precisava ser feito em vida, não há mais realizações nessa idade. Esse período da vida é o momento de descansar e conseqüentemente esperar pela morte.

Essa visão do sujeito velho está presente nos contos. Suas vontades, seus objetivos, sua sanidade e seu lugar lhes são tirados pela sociedade. Eles vão perdendo o lugar ativo que tinham na sociedade ensinando os mais jovens, transmitindo as tradições e conhecimentos de seu povo. No ponto seguinte, discutiremos esse deslugar do velho na sociedade.

4.1 – O Velho sem lugar: Deslugar do velho.

Ao perder o seu lugar ativo na sociedade o velho passa a ser esquecido nesse meio. Ele passa a viver à margem dessa sociedade. Os lugares, os amigos, as coisas que fazia, passam a ser outros graças a esse deslugar. Dona Helena Cemitela, do conto “Viúva Nacional”, mostra como esse deslugar faz com que o velho mude suas práticas também.

Dona Helena Cemitela vive sozinha, o narrador não dá detalhes da vida dela, mas a solidão em que a idosa vive transparece no conto. Ao visitar as diversas tumbas do cemitério central todos os dias e rezar em cada uma delas ela desperta a raiva de Azaria Azar, o diretor do cemitério. O jogo de palavras no nome de Azaria Azar chama a atenção. O sujeito autor coloca esse nome em Azaria, talvez já para antecipar a “infeliz coincidência” que acontece com ele nesse conto e que será discutida mais adiante.

No recorte textual abaixo (RT) vemos esse hábito de Dona Helena de rezar em várias campas:

RT2

Donalena, como era chamada, desomenageava a morte. Como? *Ela não sabia qual campá deveria honrar. Cada vez se joelhava numa diferente. Dias havia em que até rezava em mais que dez lápides.* E todas as campas eram, para ela, as do “falecido”. Até os coveiros já suspeitavam se alguma vez chegara de haver algum respectivo dela. Donalena se perdoava:

-- *É que já esqueci bem-bem onde que é.*² (A Viúva Nacional. p, 214)

No RT2 vemos Donalena que por conta da falta de memória, não sabe onde o seu falecido marido estava enterrado. Alguns dos coveiros começavam a duvidar se de

² Os destaques em itálico são do autor e os destaques em sublinhado são nossos. Destacamos dessa maneira as partes mais significativas para a análise.

fato ela tinha algum falecido enterrado por ali. Quando o sujeito autor diz que a velha “desomenagiava a morte” ele relembra a tradição africana de honrar e prestar culto aos seus parentes falecidos. Ao fazer isso por mortos que não eram seus familiares, Donalena os “desomenagiava” como diz o autor. Homenagear é mostrar respeito a algo ou alguém reconhecendo a sua importância, algo que é característico da cultura de Moçambique em relação aos mortos, (Malandrino 2010). Quando Donalena passa a rezar em campas que não são de seus parentes, ela faz isso que o sujeito autor chama de “desomenagear” a morte.

Já vimos no capítulo 3.2 a relevância que a memória dos velhos tem para uma sociedade, Ecléa Bosí (2012, p. 47 diz que a “memória dos mais velhos é melhor definida que a memória dos mais jovens, graças as experiências que já viveram”. Quando o sujeito velho perde a memória ou tem dificuldades para lembrar-se de algo, ele perde o lugar na sociedade de ser o sujeito que lembra. Ele perde a serventia para a sociedade, é como um objeto que não serve mais, então é descartado.

Outro ponto que denuncia o *deslugar* do velho no conto é quando Azaria Azar expulsa dona Helena do cemitério:

RT3

Pois naquela tarde, o chefe Azaria chamou a velha e lhe deitou proibição: ela podia nunca mais ali voltar.

--*Mas eu, agora, já lembrei a campá. Não viu eu rezar ali? Aquela é mesmo a da meu falecido...*

-- Acabou conversa. Já dei ordem nos milícias.

A velha então desfiou um choro magrinho, soluço de gota caindo em poço seco. Nem Azaria notou, no começo, que ela chorava.

-- *Me deixe vir aqui. É que eu não tenho morto para chorar. Todos tem seus mortos, só eu que não tenho. Me favoreça, Doutor. (A Viúva Nacional. p, 214)*

A posição sujeito que Azaria ocupava na sociedade como responsável pelo cemitério permitia que ele expulsasse Donalena daquele lugar. Donalena, não tinha nem morto nem vivo. Era uma idosa solitária. A falta de alguém que lutasse por ela para garantir-lhe os direitos, dava a Azaria total condição para que a sua vontade fosse feita. Azaria não conseguiria agir assim com outro sujeito que tivesse uma posição mais ativa, ou bem vista, na sociedade. As relações de poder se manifestam de maneiras diferentes quando se trocam os sujeitos. Se fosse um sujeito com mais prestígio na sociedade fazendo as mesmas coisas que Donalena, é possível que esse sujeito não seria taxado de louco e nem expulso do cemitério.

Para Azaria, Donalena era um problema que necessitava de solução, algo que incomodava e que precisava ser retirado. Atingiu o seu desejo ao expulsá-la do cemitério, mas por azar, como seu nome já anunciava, o vice-adjunto chega ao cemitério com a missão de render homenagem a algum parente vivo de um herói de guerra do leninismo. O leninismo ou maxismo-leninismo, foi a corrente ideológica adotada pela FRELIMO, Frente de Libertação de Moçambique, na luta pela independência do país. O sociólogo moçambicano Joaquim Miranda Maloa (2011) afirma que

Marxismo-leninismo em Moçambique é, em última análise, um produto da guerra fria entre o capitalismo, representado pelos Estados Unidos e o socialismo, representado pela União Soviética. Entretanto, esta caracterização só pode ser considerada válida sobre um ângulo muito restrito da história da formação dos intelectuais que deram voz, ao marxismo moçambicano e dos países que apoiaram Moçambique na luta pela independência. (MALOA. 2011, p, 86)

Depois de a FRELIMO ter adotado a corrente marxista-leninista, outras províncias de Moçambique não concordaram com a adoção dessa ideologia, o que junto com outros fatores, resultou em uma guerra civil. Por isso ninguém aceitaria ter alguma ligação com o leninismo. O vice-adjunto já havia procurado em diversos lugares, mas não achara candidato. Então, Azaria lembrara-se de Donalena, como podemos comprovar no RT seguinte:

RT4

Com o diretor do cemitério se acordou encontrar rápido um candidato a órfão, viúvo, parente de herói. Azaria lembrou, então, a deslembada Donalena. Ela havia de servir que nem peúga. Não fosse a incoincidência: ainda ontem Azaria a expulsara. Contudo, o Vice-Adjunto insistiu: ele a fosse a procurar, quem sabe a velha desobedecera? (*A Viúva Nacional*. p, 215)

Nesse RT, é possível ver como a velha é tratada como um objeto. Ela é comparada a uma peúga, que é um modelo de meia usada em Moçambique. Nesse momento Donalena serve como um objeto para as intenções de Azaria. Como já foi dito anteriormente, quando o velho perde o seu papel ativo na sociedade ele é descartado como alguém que não tem mais valor, Donalena faz o caminho inverso nesse momento. Ela passa a ter valor novamente, mesmo que para um único objetivo.

A história de Donalena pode ser comparada com a história da Geni, da música Geni e o Zepelim, de Chico Buarque. Na história da canção, Geni, uma prostituta, é hostilizada por toda a cidade. Até que um dia, chega à cidade um enorme Zepelim

ameaçando destruir tudo. O comandante ao ver Geni, diz que desistirá de seu intento se passar uma noite com ela. Mas Geni se recusa. Então a cidade suplica que ela aceite o convite para que sejam todos salvos. Apesar de repugnância que sente pelo comandante, Geni aceita o convite e passa a noite com o comandante. Na manhã seguinte, quando a prostituta não tem mais utilidade para o bem da cidade, da nação, os cidadãos daquele lugar voltam a hostilizá-la, esquecendo-se do sacrifício de Geni, esquecendo-se de tudo o que ela fez ao bem comum.

No conto em análise, o mesmo acontece com Donalena, depois de servir para as vontades de Azaria, ela voltará a ser tratada como a velha louca que reza em várias campas.

No RT que segue, o plano de Azaria é instaurado:

RT5

E o plano foi instaurado, instantâneo como toda a mentira. Se encontrou uma campa devidamente incógnita. Se aldrabou lápide, às pressas. E se convenceu a velha Donalena que seu marido morreu em plenos sacrifícios pela Revolução. E que ele pacificava ali, naquela precisa tumba. Donalena Cemitela estava sendo promovida a última dama, viúva nacional. (A Viúva Nacional. p, 216)

No RT, vemos que Azaria convenceu Donalena de que ela tinha um marido e este estava enterrado naquela determinada campa. Mais uma vez a vontade de Azaria se sobrepõe a vontade da velha. As vontades da idosa são sempre suprimidas pela vontade daquele que detém o poder. Nessa relação a idosa não tem muitas opções e acaba cedendo aos intentos de Azaria. Mas nesse momento, em que Donalena é reconhecida diante de todos como viúva de um herói de guerra, ela detém o poder. Tanto que ao não saber em qual campa rezar, acaba fazendo com que Azaria perca o seu cargo como diretor do cemitério. Azaria procura tirar a velha do cemitério, mas é ela que quando tem o poder, tirar ele desse lugar.

No conto “A casa Marina”, o velho Tiane Kumadzi vive afastado da aldeia, por ser considerado louco pela sociedade e recebe as visitas de um jovem menino que narra o conto. Esse menino o segue em seus passeios pela costa da praia a procura de determinados pedaços de madeira. A relação entre Tiane e o jovem menino será analisada no 4.3 . No RT seguinte, vemos o isolamento em que o velho vivia:

RT6

“O que o homem tem do pássaro é inveja. Saudade é o que o peixe sente da nuvem.”

Eram falas de Tiane Kumadzi, o velho que vivia fora do juízo, apartado da gente, longe da aldeia. Eu seguia-o enquanto ele desperdiçava pegadas da areia da praia. Meus pais muito me proibiam aquelas divagabundagens. (*A Casa Marina*. p, 145)

Nesse RT, é possível ver que o velho Tiane vivia fora da aldeia, apartado do convívio com as outras pessoas. Tiane fugia um pouco do estereótipo do velho de esperar pela morte. Ele era ativo, passava os dias na praia à procura de pedaços de madeira para construir seu barco. Mas a solidão, recorrente na velhice, o acompanhava constantemente, salvo quando o jovem menino o visitava. Esse menino é quem narra o conto, é um narrador intradieético, pois além de narrar, ele participa da narrativa.

No RT5, o menino diz que os pais o proibiam de andar com Tiane. A questão da loucura fazia com que o sujeito adulto visse Tiane como uma má companhia, como aquele que não tem razão, logo como aquele que eles e os mais jovens não deveriam ter contato. Contudo, o sujeito criança tem as suas próprias vontades e mesmo com a insistência dos pais em impor a sua vontade, sempre que tinha uma oportunidade, o menino ia se encontra com Tiane.

Nesse conto o velho também apresenta uma intimidade com o místico como vemos no RT abaixo:

RT7

O desremediado velho se dezembrava assim, para cá e para diante, todo concurvado enquanto pronunciava indecifráveis rezas. Me divertia aquele renhenhar dele, cabeça abaixo dos ombros, remexendo algas, conchas e troncos trazidos pelo mar de longínquas tempestades. (*A Casa Marina*. p, 146)

O menino não compreendia o que o velho Tiane fazia, mas mesmo assim o seguia. As “indecifráveis rezas”, assim chamadas pelo menino, são resultados dessa intimidade com o místico e com o espiritual, a mesma intimidade ocorre com Vlademiro, no conto “Velho com Jardins nas traseiras do tempo”. Segue:

RT8

Vlademiro foi ganhando familiaridades com o todo-potente. Me admira esse tu-cá-tu-lá com o divino. Vlademiro já foi um beato, todo e totalmente. Mas o velho tem explicação: à medida que envelhecemos vamos entrando em intimidades com o sagrado. É que vamos abatendo no medo. (*Velho com Jardins Nas Trazeiras do Tempo*. p, 80)

Nos dois contos, há essa relação do velho com o místico e com o sagrado. Entretanto, não há a mesma relação com o sujeito adulto. Parece-nos que o sujeito velho

dar muito mais atenção a essas questões do que sujeito adulto, para este, o sujeito adulto, essas questões estariam associadas à loucura.

O Velho Vlademiro também perdeu o seu lugar na sociedade. Ele vivia abandonado em um banco de praça. O conto não revela detalhes da vida de Vlademiro, diz apenas que ele fora casado e que sua esposa faleceu de “doença pastosa”. O abandono de Vlademiro retrata bem essa falta de lugar do velho na sociedade. Esse é o retrato do descarte do sujeito, que segundo as vontades de verdade de uma época, não consegue mais desempenhar alguma função na sociedade.

O nome Vlademiro é dado ao personagem pelo narrador, o conto não diz qual é o seu verdadeiro nome, diz apenas que esse nome foi dado por causa da avenida onde a praça ficava. Segue:

RT9

O idoso recebeu um nome: Vlademiro. Ganhou o nome da avenida que ali passa, rasando-lhe a solidão: a Vladimir Lenine. (*Velho com Jardins Nas Trazeiras do Tempo*, p, 79)

O nome é um dos fatores que nos individualiza, que nos distingue dos demais dentro de uma sociedade. Nesse conto, nós vemos que o sujeito velho perdeu até mesmo o seu próprio nome. Ele poderia ter dito o seu nome quando as pessoas que o visitavam começaram a lhe chamar de Vlademiro, mas ele não disse nada. Isso denuncia a perda das características básicas para a formação da identidade do sujeito, quem ele é, de onde vem e outras questões que o individualizam. Parece que já que vive ali abandonado, ele deixou de ser quem era e agora é apenas Vlademiro.

A solidão na qual Vlademiro vive é semelhante à solidão de Donalena e Tiane. Os três idosos vivem em um tempo que não parece ser mais o seu. Os costumes, as relações, as vontades de verdade são diferentes da época em que cresceram e foram criados. As tradições que eram tão guardadas e respeitadas por eles começam a se perder e a serem esquecidas ou deixadas de lado pelos mais jovens.

Há uma diferença entre o momento que nasceram e cresceram e o momento que vivem agora. Por isso a solidão desses idosos não é só física. Eles estão sozinhos em seus pensamentos, em suas crenças, em seus sonhos. Nesse deslugar, o velho não teria mais uma função na sociedade, então vem o abandono, seja esse abandono por parte dos parentes, amigos ou da própria sociedade. A partir de então, o que resta a esse sujeito é simplesmente rezar em diversas tumbas, construir uma casa marina ou sonhar e brincar com a morte em um banco de praça.

4.2 – O velho e a loucura: solidão, esquecimento e morte

Como vimos até aqui, esse “deslugar” do velho na sociedade causa esse sentimento de morte em vida para eles. O afastamento do convívio, o abandono e a solidão acompanham esses idosos. A loucura a eles costumeiramente associada, como mecanismo de controle dos discursos, também gera esses mesmos sentimentos nos mais velhos.

A loucura é vista por Foucault (2013) como aquilo que está em oposição à razão. A razão é sócio-historicamente construída em cada época, logo o que era visto como razão em um momento pode ser visto como loucura em outro.

Para Foucault (2013), a loucura é um mecanismo de controle dos discursos. As instituições sociais constituídas podem determinar o que é certo ou errado, o que pode ser e o que não pode ser feito a partir do conceito de loucura e sua oposição à razão. Se a razão determina que o sujeito não pode falar sozinho, conversar consigo mesmo, àquele que faz essa prática pode ser visto como sem razão pela sociedade, ou seja, como louco.

Foucault (2002) ainda afirma que todo sujeito foge, mesmo que pouco, de alguma regra posta pela sociedade onde está inserido. Ele aloca essas regras em quatro categorias chamadas de “domínios das atividades humanas” (p, 260). São elas: trabalho ou produção econômica, sexualidade, linguagem/fala e atividades lúdicas. Foucault (2002) diz que um sujeito pode ser excluído de um ou outro, mas aquele que é excluído dos quatro é o louco.

Nos contos analisados vemos muito forte a presença da loucura nas histórias de Tiane e Donalena. Por agirem de uma maneira diferente daquela que a sociedade considera normal, eles são tratados assim. Considerá-los loucos faz com que a sociedade não precise escutar o que eles dizem e nem se preocupar com o que fazem. A exclusão advinda com a loucura é muito mais do que um asilamento³ físico, é um asilamento social e psicológico que o sujeito velho passa, mesmo o indivíduo ainda vivendo dentro da sociedade.

No caso de Tiane, o asilamento físico ocorre quando ele vai morar fora da aldeia, apartado dos demais:

RT10

³ Termo usado pelo Antropólogo Lucas Graeff para se referir ao ato de se colocar o idoso em um asilo ou excluí-lo do convívio social. GRAEFF, Lucas. O “Mundo da Velhice” e a Cultura Asilar. Porto Alegre. 2005.

“O que o homem tem do pássaro é inveja. Saudade é o que o peixe sente da nuvem.”

Eram falas de Tiane Kumadzi, o velho que vivia fora do juízo, apartado da gente, longe da aldeia. Eu seguia-o enquanto ele desperdiçava pegadas da areia da praia. Meus pais muito me proibiam aquelas divagabundagens. (*A Casa Marina*. p, 145)

O conto não esclarece se Tiane foi morar apartado da aldeia por vontade própria ou foi expulso pela comunidade. O fato é que ele vive sozinho, sentenciado como louco, como aquele que não tem razão nas suas falas e atitudes.

As atitudes do louco podem ir de encontro às vontades de verdades de outras épocas, épocas passadas, que a sociedade construiu com os seus jogos de verdade ao longo do tempo. Como a maneira de se comportar em determinados lugares, a maneira de se vestir em certos ambientes e situações e a maneira de viver dentro de uma sociedade como um todo. Por exemplo, um sujeito que está em frente a um juiz de direito e não o chama de vossa excelência, vai contra a essas regras. As atitudes daquele que é considerado louco vai contra a todos esses jogos de verdade.

Ao considerar alguém como louco dizemos que ele tem ausência de razão, se não há razão, não se há como explicar as suas falas e atitudes. A razão está ligada as vontades de verdade de uma sociedade em cada época. Tem a razão aquele que as suas atitudes estão de acordo com as vontades de verdade vigentes. É como se classificá-lo como louco explicasse as suas atitudes e respondesse a tudo. Por isso que Foucault (2013) considera a loucura como um mecanismo de exclusão no controle dos discursos, já que nessa classificação binária entre razão e loucura, o que é considerado louco é separado do meio que é considerado “são”.

Foucault (2013) afirma que há estranhos poderes que são reservados à loucura, como “o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber.” (p. 11) o velho Tiane fala várias frases que soam como loucura para a sociedade, mas o jovem rapaz que o acompanhava escutava e absorvia os seus ensinamentos. Essa relação entre o velho e o jovem e as frases de Tiane serão discutidas mais a frente.

Foucault (*Apud* MOTTA, 2002) fala da diferença entre ser louco e não ser louco. O que não é louco fala a verdade sabendo que fala a verdade e o louco fala a verdade sem saber que a possui, (p, 240). É o que acontece com Tiane, o jovem escuta os seus conselhos e os guarda como verdade para si, mas Tiane fala sem saber se o que diz de fato é verdade.

Tiane foi asilado da aldeia não por que sua presença fosse uma ameaça à integridade física da sociedade, mas para que os seus dizeres não circulassem nesse meio, não eram os mesmo dizeres que circulavam naquela formação social. Um dos propósitos do asilamento é afastar o sujeito do meio em que está inserido, o afastamento ideológico é mais forte do que o afastamento físico, e nesse caso, mais necessário. Afastar os dizeres do sujeito louco do meio é uma maneira de garantir que as vontades de verdade presentes na sociedade permanecem como estão, sejam preservadas e não ameaçadas.

A loucura de Tiane era um problema para aldeia, como o comportamento de Donalena de prestar homenagens a mortos que não eram da sua família era um problema para Azaria Azar. Nos dois casos, o comportamento dos velhos vai contra aos jogos de verdade vigentes na época e as práticas que esse momento sócio-histórico considerava como “normais”, ou aceitáveis. Diagnosticá-los, ou mesmo classificá-los como loucos era a resposta que podia ser dada a sociedade para explicar um comportamento que não dialoga com os jogos de verdade vigentes, inclusive no caso de Donalena, que rezava em várias campas todos os dias, mesmo que não houvesse nenhum morto de sua família ali para homenagear.

Reverenciar e prestar homenagens aos familiares mortos era uma tradição comum em Moçambique e cada família cuida das campas de seus antepassados. Brígida Malandrino (2010) em seu trabalho sobre a cultura *bantú* em Moçambique, descreve como eram feitas essas cerimônias e homenagens aos familiares falecidos. Ela diz:

A cerimônia de recordação dos defuntos tem como objetivo lembrar as pessoas da família que já morreram. Inicialmente, a cerimônia mostra-se triste, depois se oferecem comidas e bebidas, fazem-se as limpezas das campas, há danças, rezas e cantos. Tem que haver um sinal dos defuntos que acolheram as oferendas, como, por exemplo, chover. (MALANDRINO. 2010. p, 62)

Essa cerimônia era chamada de *mhamba*, e como já foi dito, cada família realizava a cerimônia para os seus falecidos, por isso o comportamento de Donalena causava tanto desconforto em Azaria Azar. Ela não podia, segundo as vontades de verdade e tradições da época, rezar em uma campa que não fosse de um falecido seu. Tradição essa que Azaria não hesitou em quebrar quando Dr. Maurício Salbuquerque, seu superior, pediu que encontrasse algum parente vivo de um herói de guerra para reder a homenagem póstuma. Nesse momento, Azaria e o Dr. Maurício Salbuquerque mostram um total desrespeito pelas tradições de Moçambique. Essa atitude deles

também denuncia a perda do valor das tradições nessa geração e possivelmente nas futuras gerações. Eles são um elo que se parte na perpetuação desses costumes.

No RT abaixo vemos a rotina de Donalena:

RT11

Não havia dia que a senhora não visitasse o cemitério, umas muitas florinhas lhe avulsando no regaço. Donalena, como era chamada, desomenageava a morte. Como? Ela não sabia qual campa devia honrar. Cada vez se joelhava numa diferente. Dias havia em que até rezava em mais que dez lápides. E todas as campas eram, para ela, as do “falecido”. (*A Viúva Nacional*. p. 214)

O excesso de visitas de Donalena ao cemitério já poderia ser considerado por Azaria como um exagero em cumprir as tradições locais, mas como em todos os dias ela rezava em várias campas diferentes, essas atitudes soaram como loucura para ele. Não era socialmente aceitável que um sujeito rezasse e cuidasse de outras campas que não fossem de seus familiares Azaria representa esse olhar da sociedade para o sujeito velho como aquele que não tem mais serventia e representa também o discurso que o velho é o sujeito que espera pela morte, por isso que ele descreve Donalena como “pré-defunta” e “Criatura roída pelo tempo, tão escaravelhota que só pode ter saída de tumba” (COUTO. 1997. p. 214). O dizer de Azaria denuncia a maneira como ele vê Donalena e a velhice.

No RT10, Azaria ainda diz que a velha Donalena desomenageava a morte rezando em várias campas sem que nenhuma fosse de um parente seu, ou como se todas fossem do “falecido”. É curioso como ora Azaria tenta defender a tradição e ora ele age como se ela não representasse nada ou não existisse. Dar um falecido e uma campa para Donalena resolveria a sua busca e seus passeios entre as campas do cemitério, mas seu plano falha e tudo dá errado como seu nome anuncia.

No conto “Velho com jardim nas traseiras do tempo”, o velho Vlademiro afirma que conforme envelhece vai desenvolvendo uma “intimidade com o sagrado” (COUTO. 1997. p. 80). Ele diz no conto que quando sente a morte chegar começa a cantar para espantar a morte, ou faz de conta que é mulher, segundo ele, “As mulheres, demoram mais para morrer”, (p. 81). Esses dizeres de Vlademiro poderiam ser considerados como loucura pela sociedade, porém ele não falava isso para todas as pessoas, logo a sociedade não o diagnostica como louco, o seu silêncio o livra desses jogos de verdade. Ao olhar para esse silêncio de Vlademiro, vemos como a loucura é um mecanismo de

controle dos discursos excluindo os discursos de diversas formas, classificando alguns como loucos e calando outros para que não sejam vistos assim. Mas nesse espaço entre a fala e o silêncio desses sujeitos, podemos ver a sua sabedoria adquirida ao longo dos anos. Mesmo que as vontades de verdade classifiquem as suas falas como loucura, há muita sabedoria ali, uma sabedoria cheia de valor e vida.

4.3 – O velho e a sabedoria: respeito, valor e vida

Apesar de o “deslugar” do velho ser um ponto tão marcante nos contos, “A Casa Marina”, “A Viúva Nacional” e “Velho com Jardins nas Trazeiras do Tempo” ainda podemos ver que a sabedoria dos velhos é respeitada e valorizada. Ainda que esse respeito e valorização vinha de sujeitos que não detém o poder na época, mas reconhecem e param para ouvir as palavras cheias de sabedoria e de experiência desses sujeitos.

O velho tinha a responsabilidade de ensinar o mais jovem e transmitir a ele todas as tradições e sabedoria de seu povo. O sujeito autor denuncia através desses contos o que está acontecendo com o sujeito velho nesse momento sócio-histórico. Essas funções que o mais velho possuía ainda estão presentes na formação discursiva desses sujeitos, por isso, sempre que tem a oportunidade, o velho não deixa de transmitir o seu conhecimento e ensinar o mais jovem.

Essa relação entre o velho e o mais jovem fica bem clara no conto “A Casa Marina” com Tiane e o jovem que o acompanha em seus passeios, como mostra o RT abaixo:

RT12

Mas eu não resistia a seguir os passos molhados de Kumadzi quando ele, manhãs cedinho, procurava sinais do além-mundo. (*A Casa Marina*. p, 145)

Era tradição para o mais jovem ouvir o mais velho, mesmo que essa prática estivesse mudando, demora para que o sujeito deixe de ser perpassado por ela. Vemos isso quando o jovem diz que não conseguia não seguir os passos de Tiane. A relação de ensinar e aprender entre o sujeito velho e o sujeito jovem fica marcada nesse RT. Os pais do menino o proibiam andar com o velho por acharem que ele era louco, mesmo assim o jovem ia procurar Tiane.

O sujeito adulto nesse conto se coloca em oposição ao sujeito velho. Enquanto o velho é aquele que espera pela morte, o sujeito adulto é aquele que tem toda a vida pela frente, tem todo tempo para realizar os seus objetivos, como se a morte fosse algo reservado apenas para os idosos e não uma certeza para todos os que nascem.

Muitas vezes o jovem rapaz não entendia as falas ou as ações de Tiane, mas mesmo assim ele o seguia. O jovem não conseguia ver Tiane em seus passeios e não acompanhá-lo. Aparentemente, o sujeito velho exerce uma força em relação ao sujeito jovem que não consegue exercer no sujeito adulto. O sujeito adulto é marcado pelas exigências que essa fase da vida coloca, como se sustentar e sustentar a família. O sujeito velho e jovem, ao contrário do sujeito adulto, são marcados pela “sobra de tempo”, um por não ter idade suficiente para assumir as responsabilidades da vida adulta e o outro por já ter passado por esse período, já ter trabalhado o tempo que precisava ou por ser visto pela sociedade como incapaz de continuar desempenhando essa função.

Durantes esses passeios, Tiane dizia várias frases que o jovem rapaz ouvia e guardava para si, abaixo seguem algumas dessas frases:

RT13

“O que o homem tem do pássaro é inveja. Saudade é o que o peixe sente da nuvem”. (*A Casa Marina*. p, 145)

- “Ganhe vantagem do cansaço, filho. Há uma sabedoria do cansaço”. (p, 146)

O cansaço é um modo do corpo ensinar a cabeça. Assim dizia Tiane. (p, 146)

- “Esse barco estava cheio de mar!” (p, 149)

As frases de Tiane, que podem parecer frases de uma pessoa louca, perpassavam a formação discursiva do jovem rapaz, de modo que ele procurava seguir os ensinamentos do velho.

Essa relação entre o sujeito velho e o sujeito criança ou jovem é uma marca dos contos de Mia Couto, principalmente por que essa relação representa também a questão da tradição e da modernidade. As sociedades vão se modernizando com o passar do tempo e esquecendo cada vez mais as suas tradições. O velho representa essa tradição e o sujeito jovem está muito mais aberto que o sujeito adulto para ouvir e perpetuar essas tradições. O sujeito jovem é visto como aquele que pode ser ensinado, que tem tempo para aprender. Já o sujeito adulto é visto como aquele que não tem tempo e que sempre

está ocupado. Nesse conto vemos que os pais do jovem que acompanha Tiane não tinham tempo nem para acompanhar o menino e ver o que o menino estava fazendo nem para ouvir as sábias frases de Tiane, classificadas pelo sujeito adulto como loucuras.

No RT12, Tiane diz para o rapaz: “Ganhe vantagem do cansaço, filho. Há uma sabedoria do cansaço.” Conforme o jovem rapaz ia buscando os pedaços de madeira com Tiane e o cansaço começava, ele lembrava das palavras do velho. Segue:

RT14

Não fiz segunda coisa nos dias seguintes. Enquanto restasse fiapo de claridade eu afadigava os olhos a farejar mais estranhos objectos. Fazia o que ele me recomendava: me cansava pelas dunas, à procura da sapiência da fadiga. (*A Casa Marina*, p. 147)

A frase que soaria como loucura para um adulto, despertou no sujeito jovem o interesse pela busca dessa “sapiência da fadiga”. O sujeito jovem está bem mais aberto para conhecer as tradições e compartilhar do conhecimento dos mais velhos do que o sujeito adulto.

O estereótipo criado sobre o sujeito adulto é daquele que trabalha, que é ocupado e que não pode perder tempo, e também é aquele sujeito que já sabe, que tem o conhecimento do que precisa fazer. O sujeito velho e o sujeito jovem são aqueles que têm tempo, que não trabalham por já o fizeram ou por que ainda são podem fazê-lo.

Em alguns momentos do conto, o jovem rapaz chama Tiane de vovô, mostrando que a relação deles é como se fosse uma relação de avô e neto. Esse tipo de relação é comum em Moçambique e também na literatura de Couto denunciando essa tentativa de fazer a tradição sobreviver à modernidade.

Quem narra o conto “Velho com Jardins nas traseiras do tempo”, é um homem que visita seu Vlademiro em seu banco na praça. No caso de Vlademiro são os adultos que escutam suas estórias, que param um pouco para ouvir o que o velho tem a dizer.

O narrador visita seu Vlademiro para perguntar o que ele faria depois que no lugar em que fica sua praça fosse construído um edifício bancário. O sujeito adulto demonstra preocupação com o sujeito velho, mas não apresenta uma disponibilidade para auxiliar o idoso, ele apenas se preocupa e não faz nada a mais que isso.

O abandono do sujeito velho causa comoção nos outros sujeitos, mas não gera uma ação para ajudá-lo. As vontades de verdade acerca da velhice que dizem que nesse período da vida o que resta é esperar pela morte, dão ao sujeito que se depara com o

velho uma “falsa sensação” de conforto por não fazer nada. É como se não ajudar um velho é menos errado que não ajudar uma criança.

Seu Vlademiro ainda recebe as visitas das prostitutas que trabalham na mesma avenida do seu jardim. Nesse momento, vemos duas posições de sujeito que são marginalizadas pelas vontades de verdade vigentes e que compartilham do mesmo sentimento de exclusão. Segue:

RT15

Do outro lado da avenida estão as putas. As prostitutas, como ele chama. Conhece-as a todas pelos nomes. Quando não tem clientes elas se adentram pelo jardim e sentam junto dele. Vlademiro lhes conta suas aldrabices e elas tomam a baboseira dele por cantos de embalar. (*Velho com Jardins nas Trazeiras do Tempo*. p, 80)

Esse sentimento de exclusão faz com que Vlademiro e as prostitutas se aproximem e se identifiquem nessa questão. Esse ato delas de ir ao encontro de Vlademiro para ouvir suas histórias é mais que uma simples visita a alguém. Esse respeito por Vlademiro e esse desejo de ouvi-lo não são por acaso. Eles vêm da tradição de honrar e respeitar o mais velho e vê-lo como o sujeito que pode ensinar. Mesmo com a modernidade e rápida transformação que passa uma sociedade nos dias atuais, os discursos de determinado momento ainda circulam por muito tempo, principalmente na voz dos mais velhos.

Nas histórias desses dois personagens, vemos que mesmo o velho sendo esquecido pelos que detém o poder na sociedade, ficando sem o seu lugar e muitas vezes sendo visto como louco, alguns sujeitos ainda vêm esse sujeito, o velho, como detentor do conhecimento, como aquele que pode ensinar e mantenedor das tradições de sua época. Eles ainda conseguem olhar para o mais velho e ver em suas rugas toda a experiência acumulada ao longo dos anos e dar a eles o respeito que merecem por toda a sua jornada.

5 – Considerações Finais

Durante a leitura dos contos apresentados nessa análise, é possível perceber que o sujeito autor, mostra um velho portador de um grande conhecimento, de uma grande experiência de vida e de várias capacidades e que é responsável em manter a cultura e tradição de seu povo transmitindo esse conhecimento para os mais novos.

Entretanto, esse sujeito autor nos mostra também um velho esquecido pela família e deixado à margem pela sociedade. Ele mostra um velho que é ouvido pelos mais novos ou até por desconhecidos e são esses que dão ao velho o respeito e o lugar que merecem.

Vimos que o sujeito velho em cada um dos três contos apresenta várias semelhanças, mas também diferenças de um conto para o outro já que suas identidades vão sendo moldadas pelas vontades de verdade de cada contexto de produção. Uma dessas vontades de verdade semelhantes é ver a velhice como período de espera da morte e nada mais.

O deslugar do velho, gerado pela falta da preservação do lugar do velho na sociedade, pode ser visto nos três contos analisados: No asilamento de Tiane ficando longe da aldeia em “A Casa Marina”. Na falta de uma campa para render suas homenagens aos falecidos, vivida por Donalena no conto “A Viúva Nacional”. E no abandono de Vlademiro no banco da praça no conto “Velho com Jardins nas Trazeiras do Tempo”. Cada um desses idosos ocupa por esse deslugar no seu contexto social.

Pelo seu discurso ser diferente dos demais, por olharem para a vida com um olhar diferente dos outros olhares, esses idosos ainda acabam sendo taxados de loucos pela sociedade. Os jogos de verdade vigentes determinam o que é razão e desrazão e logo aquele que não tem razão é louco. Essa classificação maniqueísta vem dos mecanismos de controle dos discursos segundo Foucault (2013).

Apesar do deslugar e da loucura, vemos, a partir do discurso ficcional, que o sujeito velho tem muita coisa para passar para as futuras gerações. Ele não recebe a atenção necessária do sujeito adulto, mas recebe do sujeito jovem que se mostra disposto a aprender as tradições de seu povo e ouvir as memórias e ensinamentos do sujeito velho.

Durante todo esse trabalho e em especial na análise dos contos vimos a voz de denúncia do sujeito autor. Ele denuncia através do discurso ficcional o que está

acontecendo em sua formação social, como o descaso com o idoso está se configurando em sua sociedade e ao agir dessa forma, a sociedade perde parte da sua memória, das suas tradições e ainda mais preocupante, perde parte da sua humanidade.

6 - Referências

- ANDRÉ, Marli E. D. A. de. *Fundamentos da pesquisa etnográfica*. In: *Etnográfica da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BACCEGA, Maria Aparecida. A construção do “Real” e do “ficcional”. In. *Comunicação e Análise do Discurso*. Ed Contexto. São Paulo. 2013.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. 17 ed. São Paulo: Mercado das Letras, 2012.
- NASCIMENTO, Lidiane Alves e RAMOS, Marilúcia Mendes. A memória dos velhos e a valorização da tradição na literatura africana: algumas leituras. *Crítica Cultural*, Palhoça, Santa Catarina, v. 6, n. 2, p. 453, 2011.
- COUTO, Mia. *Contos do Nascer da Terra*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- _____. *E se Obama fosse africano*. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 23ª ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- _____. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomás Tadeu da Silva,
- INDURSKY, Freda. *A Análise do Discurso e sua inserção no campo das ciências da linguagem*. Cadernos do IL, Porto Alegre, n.20, 7-21, 1998.
- _____. *A memória na cena do discurso*. In.: INDURSKY, Freda et. al. (orgs.). *Memória e história na/da Análise do Discurso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.
- _____. *Da interpretação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de Formação Discursiva*. In: BARONAS, R. L. (org.). *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção conceito de formação discursiva*. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2007a,
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor Ltda, 2008.
- MOTTA, Manoel de Barros. *Foucault. Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Forense Universitária. 2 edição. São Paulo. 2002.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2 ed. Petrópolis, SP: Editora Vozes, 1998.

_____ *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____ *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michael. *A Análise do Discurso: três épocas*. In: GADET, F e HAK, T (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pêcheux*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1983.

_____ (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

POSSENTI, S. *Os limites do discurso: Ensaio sobre discurso e sujeito*. Curitiba: Criar, 2002.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *Além da Idade da Razão*. 1 ed. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1994.

VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

WOLTERECK, Heinz. *Vida nova para os velhos*. Tradução de Shajana Flora. Ibrasa. São Paulo. 1960